

# Book Symposium

## A FIGURA DO FILÓSOFO: CETICISMO E SUBJETIVIDADE EM MONTAIGNE

Luiz A. A. Eva

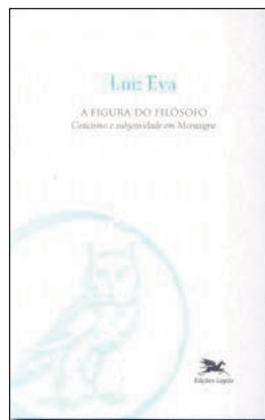
São Paulo

Editora: Loyola

2007

507 páginas

ISBN 978-85-7419-739-5



COMENTÁRIO SOBRE A FIGURA DO FILÓSOFO: UM DEBATE SOBRE O LUGAR DO  
CETICISMO EM MONTAIGNE

*Katarina Wolter*

Em épocas renascentistas era comum que as fronteiras entre as diferentes áreas, como a literatura, o direito, a filosofia e a medicina, não fossem respeitadas e, por isso, amiúde suplantadas e transpassadas. Neste sentido, não era raro que médicos fossem literatos, como é o caso de François Rabelais, ou que magistrados, como Michel de Montaigne, se aventurassem a tratar de questões filosóficas, ao mesmo tempo em que comentavam, entre tantos assuntos, os procedimentos da medicina, as controvérsias em torno do canibalismo dos índios americanos e os costumes de sua época. Por tal característica é que P. O. Kristeller diz que grande parte dos pensadores renascentistas não eram levados a sério, já que não ofereciam um sistema filosófico claro e sistemático, capaz de dar conta dos tradicionais problemas metafísicos. (KRISTELLER, 1979: 28) Como bem observou Jules Brody, o século XVII considerava Michel de Montaigne sobretudo a partir de suas contribuições literárias e via os *Ensaíos* como uma obra-prima responsável pela criação de um novo gênero da literatura, marcado pela experimentação e pelo estilo descosido e desordenado. (BRODY, 1981: 2)

A despeito da corrente interpretativa principal, segundo Jules Brody, que via nos *Ensaíos* – ora positivamente, ora negativamente – sobretudo um discurso eloquente excepcional, e a despeito do seu esforço em manter uma posição de exterioridade em relação à toda e qualquer escola filosófica e da própria afirmação de que ele não quer ser filósofo, mas antes apresentar-se como um sujeito particular, ou seja, como Michel de Montaigne, o fato é que a sua obra logo chamou também a atenção pelo seu conteúdo propriamente filosófico. Pier-

re Charron, discípulo do próprio Montaigne, foi um dos primeiros a demonstrar este interesse, com a publicação do *Traité de la Sagesse*, onde ele busca acomodar as reflexões montaigneanas numa forma mais sistemática, acabando por reduzir um pensamento fluido e não-dogmático numa ortodoxia epistemológica.

Os comentários em torno dos temas filosóficos presentes nos *Ensaaios* são normalmente dedicados a identificar o conteúdo de sua obra, para além da evidente originalidade formal descosida, inacabada. Neste sentido, tentam ordenar determinadas afirmações e discussões esparsas e difusas, situando os *Ensaaios* à luz da história filosófica, traçando as fontes (VILLEY, 1933) de inspiração e identificando o autor com alguma “escola”, seja ela epicurista, estoica, ou cética. O reconhecimento de que o ceticismo exerce um papel fundamental na trajetória filosófica de Montaigne e também no desenvolvimento do método não-dogmático, que teria dado origem aos *Ensaaios*, é um dado incontestável. As interpretações em torno do lugar desta influência e o papel específico que a filosofia cética teria exercido no pensamento montaigneano, contudo, recebem sentidos profundamente divergentes. Assim, enquanto alguns consideram o ceticismo como apenas um momento dos *Ensaaios* (VILLEY, 1933), um passo dado em um percurso filosófico evolutivo mais amplo, outros salientam o temperamento cético de Montaigne (FRAME, 1969), que não chegaria propriamente a constituir um sistema filosófico coerente. Outros, ainda, preferem ver o ceticismo como apenas mais uma dentre tantas correntes filosóficas presentes nos *Ensaaios* (STAROBINSKI, 1992).

A variedade de interpretações sobre as preferências filosóficas de Montaigne – neste caso, sobre o ceticismo –, não deveria surpreender o leitor assíduo dos *Ensaaios*, já que poderia ser explicada pela *maneira filosófica* de Montaigne, que não raro deixa lacunas, próprias para a interferência e interpretação do leitor. No quadragésimo ensaio do primeiro livro, intitulado *Consideração sobre Cícero*, Montaigne chama ao discurso o leitor e comenta a possibilidade de extrair infinitas versões de sua obra: *E quantas histórias divulguei que não dizem uma palavra, com as quais quem quiser esmiuçá-las um tanto engenhosamente produzirá infinitos Ensaaios.* (I, 40: 374) Além disso, a freqüente recusa em apresentar discussões sistemáticas exaustivas e o vasto uso de ironias – muitas vezes como instrumento de autopreservação diante de uma época marcada pela perseguição imposta pela Inquisição – também teriam possibilitado a profusão de variadas interpretações, na medida em que abrem espaço para uma nuvem de dúvida e incerteza sobre o que ele realmente quis dizer.

A despeito de algumas tentativas de demonstração de uma consistência filosófica, a maior parte dos comentários mais recentes sobre Montaigne salientam a inconstância e incoerência de seu pensamento, inspirados na idéia de movimento e contradição, características supostamente assumidas pelo autor e dominantes nos *Ensaaios*. Pois ao dizer *retratar a passagem*, de dia a dia, minuto a minuto (III, 2: 27), Montaigne pareceria recusar qualquer tipo de pensamento dogmático, que se pretenda imune ao tempo, e abraçar a perenidade e o caráter circunstancial de seus escritos, que, assim como o seu “eu”, estariam sempre abertos a tomar um rumo inesperado. Ademais, ao assumir as próprias contradições<sup>1</sup> e afirmar que *não está aqui minha doutrina, e sim o estudo de mim mesmo; e não é a lição de outrem e sim a minha própria* (II, 6: 69), Montaigne sublinharia a recusa do tom doutrinário e a ausência de verdades definitivas em sua obra, que pretende, acima de tudo, dar conta da subjetividade do autor, essencialmente ondulante e vã.

O livro publicado por Luiz Eva em 2007, intitulado *A Figura do Filósofo: Ceticismo e subjetividade em Montaigne*, fruto de um intenso e longo trabalho de pesquisa acerca do papel que o ceticismo exerceria nos, trazem sem dúvida um novo fôlego a esta discussão. É bem verdade que autores como Frédéric Brahami (BRAHAMI, 1997), Hubert Vincent (VINCENT, 1998) e Marcel Conche (CONCHE, 1996) dedicaram-se a traçar o lugar do ceticismo na obra deste autor. No entanto, a *Figura do Filósofo* vai um tanto além, ao pretender identificar o procedimento investigativo de Montaigne com o ceticismo filosófico, recusando-se a tomá-lo como apenas um momento de sua trajetória filosófica. Assim, antes de defender esta identificação por uma predisposição temperamental do autor, ou por experiências vivenciadas por Montaigne, que seriam responsáveis pela sua inclinação cética, Luiz Eva busca traçar a importância que a leitura da tradição cética, sobretudo das *Hipótiposes Pirrônicas* de Sexto Empírico, teria no engajamento intelectual do pensador francês. Assim, o grande esforço interpretativo do comentador se dá no sentido de precisar a exegese que Montaigne teria realizado dos textos de tradição cética. Neste sentido, é surpreendente e inovador com relação à literatura secundária sobre Montaigne que, *grosso modo*, não cansa de salientar o modo inconstante, descosido, incoerente e assistemático dos *Ensaio*s e de seu autor, avesso à qualquer doutrina e à qualquer tradição filosófica. Segundo Luiz Eva, a afirmação do caráter contraditório e impremeditado da filosofia montaigneana não deve ir tão longe a ponto de *esmagar de saída toda a consistência possível de sua reflexão de filósofo*. (EVA, 2007: 23)

Vale salientar neste momento que os comentários que se seguem não pretendem dar conta das minúcias, ou de todas as questões levantadas por Luiz Eva, nem tampouco objetar algum ponto específico da argumentação geral, que não me parece carecer de fundamentação e coerência. O que nos interessa colocar em questão são antes as possíveis implicações desta interpretação, que enxerga nos *Ensaio*s não apenas a presença de argumentos céticos, mas a adesão à esta corrente filosófica. A fim, então, de demonstrar a consistência de um engajamento cético por parte de Montaigne, para além das contradições que permeiam a sua obra, Eva precisa resolver uma questão fundamental – que serve de fio condutor de seu percurso – que é o problema da conciliação entre um suposto engajamento cético de Montaigne e a afirmação de si como um filósofo de nova figura.<sup>2</sup> Tal aparente paradoxo, expresso na epígrafe de seu livro, serve de fio condutor para o comentador, balizando a discussão ao longo de todo o livro. Afinal, se Montaigne de fato pode ser identificado como cético, em que residiria a sua novidade?

A complexidade desta questão parece representar a própria complexidade da postura de Montaigne diante de toda a tradição filosófica. Isto porque, ainda que tenha sido um grande leitor da literatura e da filosofia clássicas e ainda que recorra a incontáveis citações e empréstimos destas, a fim de enriquecer e ilustrar as suas próprias reflexões, Montaigne alimenta uma certa desconfiança quanto à pertinência que as antigas máximas teriam na interpretação daquele novo contexto trazido pela Renascença. Neste, sentido, embora inspirado por distintas correntes filosóficas, o autor assumiria uma posição de exterioridade em relação a todas elas.

Eva observa, no entanto, que tal postura não entraria em contradição com um engajamento cético; ao contrário, torna-se mais um indício da filiação de Montaigne ao ceticismo.

Isto porque, o cético, assim como Montaigne, situar-se-iam exteriormente ao desacordo entre as filosofias dogmáticas e às diversas “seitas” disponíveis. A adesão à filosofia cética, por conseguinte, não significa a adesão a uma determinada escola, definida pela adoção de um conjunto de teses. *O filósofo pirrônico não pertence a uma escola filosófica no sentido de assentir um sistema coerente de dogmas que explique o phainómenon, mas somente no sentido em que adota uma “prática”(agoghé).* (EVA, 2007: 210)

Trata-se antes de um engajamento em um gênero de filosofia, que se dá a partir do uso de uma prática argumentativa, caracterizada pela discussão e oposição de diversas teses, consciente da impossibilidade de estabelecer qualquer uma delas como verdadeira. No caso, de Montaigne, tal prática de confrontação entre argumentos distintos se dá de maneira inovadora, a partir do uso retórico de paradoxos, recurso comum da literatura do século XVI, através do qual se buscava uma reação perplexa do leitor. Mas as inovações argumentativas, ou estilísticas, tampouco implicariam, de acordo com Luiz Eva, um afastamento de Montaigne em relação ao ceticismo clássico, na medida em que tais inovações serviam apenas como forma de adaptação frente aos desafios dogmáticos de sua época. (EVA, 2007: 45) Assim, ainda que responsável pela criação de uma nova forma de expressão do pensamento, Montaigne continuaria exprimindo com os *Ensaaios* a *agoghé* cética.

Neste sentido, para além de tantas evidências que parecem confirmar a adesão de Montaigne ao ceticismo, da apresentação simpática que ele faz do pirronismo na *Apologia*, que lhe parece o mais sábio partido dos filósofos<sup>3</sup>, e da afirmação presente em *Da arte da conversação*, onde o autor parece se identificar com os filósofos céticos, Luiz Eva chama a atenção para o caráter cético do próprio uso não dogmático da linguagem. O abandono da pretensão de oferecer qualquer conhecimento absoluto do real faz-se então presente no *abrandamento discursivo*, que, segundo Luiz Eva, estabelece um vínculo entre a prática ensaística e o ceticismo antigo. Vale aqui citar uma passagem, da qual se vale o comentador, onde Montaigne parece se incluir entre os céticos, que não sentenciam, procurando despir suas afirmações do peso assertivo: *Nós, que privamos nosso julgamento do direito de dar sentenças (faire arrests), encaramos com brandura (mollement) as idéias diferentes das nossas...* (III, 8: 207)

O reconhecimento da perenidade e da relatividade dos juízos humanos, conformes aos humores e modos do sujeito, seria, pois, incoerente com uma linguagem demasiado assertiva. É por este motivo que Montaigne diz, na *Apologia*, ser preciso inventar uma nova linguagem para o pirronismo.<sup>4</sup> Esta linguagem seria, segundo ele, adequadamente expressa através da fórmula interrogativa do “*Que sei eu?*” (II, 12: 292) Ao apresentar o pirrônico como aquele que permanece investigando<sup>5</sup>, ao contrário do dogmático, que se precipita ao pretender tomar a aparência das coisas como a essência das próprias coisas, Montaigne estaria, enfim, identificando-se com o cético, pois também ele recusaria o fim de toda e qualquer investigação.<sup>6</sup> Assim, a despeito de certas particularidades que distinguiriam o pirrônico do acadêmico, Montaigne considera ambos, conforme Luiz Eva, como participantes de um mesmo gênero filosófico, cujo traço fundamental - a desconfiança de que qualquer investigação filosófica encontre um fim definitivo - também marca a sua própria atividade intelectual. O ensaio constitui-se, assim, para Eva, como investigação cética, ao aproximar-se, ao mesmo tempo, da *zétesis* pirrônica e da *quaestio* acadêmica. Isto porque, como diz o próprio

Montaigne, quando se distingue dos *philosophes* de todo o tipo, “... cabe aos aprendizes investigar e debater, e ao catedrático resolver”. II, 3. Além disso, como bem nota Luiz Eva, a palavra “ensaio”, além de significar “lição escolar”, ou “exercício filosófico”, é utilizado por Jacques Amyot na tradução de Plutarco, amplamente elogiada e freqüentada por Montaigne. (EVA, 2007: 229-30) Ele lança mão exatamente do termo *essay* para traduzir a investigação dubitativa acadêmica. Neste sentido, Montaigne teria se servido da mesma palavra, a fim de batizar a sua própria filosofia, como sendo caracterizada antes pela investigação, que pelo estabelecimento de verdades.

As severas críticas dirigidas contra a confiança na potencialidade da razão em oferecer um conhecimento objetivo sobre o real, não seria acompanhada pela inatividade intelectual ou por uma defesa de algum tipo de irracionalismo. Conforme a vertente pirrônica, Montaigne diz ser demasiado ousado declarar o fim de toda investigação.<sup>7</sup> Luiz Eva lembra que a posição cética é conforme ao emprego da razão, pois, ainda que conduza ao reconhecimento da fraqueza da mesma na obtenção de verdades, permite o pleno uso e desenvolvimento de todas as faculdades cognitivas, pois não as submete à defesa de teses previamente assumidas. O mesmo sentido assume a filosofia de Montaigne, que, segundo Eva, é capaz de *fruir de uma liberdade privilegiada do uso da razão, no nível de sua prática argumentativa, pois em vez de subordiná-la à demonstração das verdades que, de saída, seriam presumidas, ele a observa como uma faculdade dotada de uma plasticidade maior do que se costuma reconhecer, ao conferir, em diferentes níveis e graus, sustentação às mais diversas opiniões...* (EVA, 2007: 53-4) As oscilações opinativas que tantos comentadores consideram um indício da recusa de Montaigne em subordinar-se à qualquer doutrina, não prejudicam, segundo Luiz Eva, a coerência de sua adesão à filosofia cética. Ao contrário, tais oscilações correspondem, a despeito das aparências mais imediatas, a este engajamento filosófico, que se constitui com a exploração de diferentes perspectivas e a oposição entre argumentos distintos.

Voltando à epígrafe de seu livro, Luiz Eva comenta o modo fortuito e impremeditado, que caracterizaria a natureza do filosofar de Montaigne a fim de salientar que tal aspecto não traria propriamente uma novidade em relação à filosofia cética. (EVA, 2007: 62-3) Assim é que Montaigne diz mais de uma vez ter descoberto casualmente a semelhança entre suas opiniões e aquelas sustentadas pelos filósofos que o antecederam.<sup>8</sup> *Noutros textos em que aparentemente descreve o mesmo percurso pessoal, Montaigne explicita que a autoridade dos antigos ‘com os quais seu juízo se encontrou em conformidade’ lhe permitiu não apenas reconhecer a dimensão filosófica de sua experiência natural, mas também estabelecê-la e fortificá-la.* (EVA, 2007: 64-5)

No entanto, a impremeditação que qualifica a atividade filosófica de Montaigne também define o percurso cético, na medida em que a experiência da livre utilização da faculdade do juízo, faz com que este acabe por descobrir que a razão serve para argumentos contrários. O investigador se vê fortuitamente acometido pela *epokhé*, aderindo, então, por experiência ao ceticismo. Por conseguinte, a narrativa biográfica de Montaigne exemplifica o próprio itinerário descrito pelo cético na formulação de sua filosofia. Ao contrário da tendência moderna, que tomará o ceticismo como uma atividade meramente teórica, Montaigne ainda o associava, conforme a versão clássica do pirronismo, a uma “forma de vida”. Voltado ao

mundo da vida e da ação, o engajamento filosófico cético é medido pela experiência pessoal concretamente vivida. Por este motivo é que a versão assumida pelo pensador francês não poderia ser considerada, segundo Luiz Eva, uma versão insuladora, que restringiria a dúvida à dimensão filosófica, mantendo, assim, intactas as dimensões das crenças ordinárias. *Ade-mais, ele preconiza um exercício do juízo que deve se medir por sua capacidade de transformar as ações e de devolver os homens ao mundo comum do qual a filosofia dogmática tende a aliená-los.* (EVA, 2007: 284-5)

O reconhecimento de que a cada argumento pode se opor outro, de igual valor, e a constatação dos limites da *science* e da razão em revelar verdades, reconduzem a investigação ao mundo concreto e ordinário. Os *Ensaio*s, neste sentido, transformam-se na expressão da filosofia cética, na medida em que se ancoram no mundo fenomênico. Ao mesmo tempo, assumem um caráter pragmático moral, pois se pouco adianta especular sobre questões de ordem metafísica, ainda vale atentar para assuntos práticos e de ordem cotidiana. A razão permanece incapaz de revelar verdades, mas o exercício do próprio juízo revela um conhecimento de si mesmo, que deve, no mínimo, auxiliá-lo a viver adequadamente. Ainda que não pretenda adentrar na discussão em torno do conteúdo particular do auto-retrato, Luiz Eva, confere ainda um fundamento filosófico a este projeto, ao estabelecer uma continuidade entre o engajamento cético e o viés subjetivista. Embora não haja na história da filosofia cética um antecedente dos *Ensaio*s, ou seja, nenhuma obra propriamente dedicada à revelação da individualidade do autor, a partir do exercício de seu juízo, é sabido que para o cético não é possível falar das coisas em si, mas apenas de como elas nos aparecem. Ou seja, aproxima-se do que Montaigne afirma em *Dos Livros: ...o que opino sobre elas* [todas as coisas] *é também para expor a medida de minha visão, não a medida das coisas.* (II, 10: 118)

Como bem nota Luiz Eva, o fato de Montaigne dedicar à sua obra o ensaio do juízo poderia entrar em contradição com a noção central do ceticismo, a *epokhé*, ou suspensão do juízo. No entanto, o exercício do juízo, tal como o concebeu Montaigne, pretende apenas exibir a medida de sua visão e, portanto, não visa o estabelecimento de verdades absolutas e definitivas, imunes ao tempo e às circunstâncias que operam a mediação das percepções humanas. O exercício do juízo montaigneano sabe-se provisório e subjetivo e é consciente das condições às quais está sujeita a faculdade racional humana, cujas formulações são inevitavelmente relativas. Os juízos a serem suspensos são antes os dogmáticos, ou seja, aqueles que tomam o aparecer das coisas como as próprias coisas.

O grande mérito de *A Figura do Filósofo* é, sem dúvida, o fato de o seu autor destrinchar o lugar do ceticismo no pensamento montaigneano, ao explorar o modo como este autor opera com as fontes céticas que lhe servem de inspiração.

A obra de Luiz Eva supera, então, os tratamentos mais superficiais, que consideram o ceticismo apenas como um momento ou um traço da personalidade de Montaigne. Segundo este comentador, a importância dos *Ensaio*s não reside apenas na contribuição literária, ou nas inovações quanto ao estilo, mas também – e principalmente – no seu conteúdo filosófico, que traz consigo a retomada do ceticismo antigo na forma de uma “filosofia da subjetividade”. Assim, a novidade que se atribui ao pensador francês não anula, segundo Eva, a coerência de um engajamento filosófico cético. Os *Ensaio*s oferecem, portanto, o

auto-retrato de um filósofo que, fortuitamente, enxerga no ceticismo a sua própria identidade intelectual.

Os traços fundamentais da expressão de suas reflexões – o caráter por vezes paradoxal, contraditório, antinômico e assistemático, assim como a ênfase no processo investigativo e a recusa em tratar como definitivos os resultados do exercício de seu juízo -, não significam, para Luiz Eva, a ausência de uma posição filosófica clara, já que constituem a própria expressão do ponto de vista cético. *As fontes céticas permitem conferir um sentido filosófico preciso a diversos elementos de suas reflexões que, delas apartados, poderiam ganhar a vaga aparência de uma novidade filosófica tão impremeditada quanto inconsistente.* (EVA, 2007: 29)

O esforço em definir Montaigne como cético tem consequências diretas sobre a relação mantida por este autor para com as outras influências filosóficas que aparecem nos *Ensaaios*. O ceticismo não seria, pois, segundo Luiz Eva, uma filosofia a ser rejeitada como as outras. No entanto, a adesão a esta tradição pressupõe a rejeição, ou, melhor, a manutenção da posição de exterioridade por parte de Montaigne em relação à todas as outras correntes filosóficas, com as quais ele estabeleceu contato. Neste sentido, as aproximações em relação ao estoicismo e ao epicurismo não deveriam ser levadas a sério, como as afirmações em favor do ceticismo.

Que papéis exerceriam, então, no percurso intelectual de Montaigne estas outras “escolas”, tais como o epicurismo e o estoicismo, presentes na obra deste autor? Trata-se simplesmente de um exercício de explorar outras perspectivas, sem, no entanto, adotá-las? Trata-se de perspectivas superadas? E se são superadas, por que ele não as apagou, por que fez questão de mantê-las registradas? O ceticismo de fato não parece ser uma filosofia rejeitada. Mas o que permite dizer que as outras o são? Se assumir plenamente o ceticismo significa não assumir nenhuma outra posição filosófica, que influência exerceriam as leituras de Sêneca e Plutarco, além do exemplo de Sócrates, neste contexto?

Portanto, fica a questão se Montaigne, assim com a razão apresentada por ele<sup>9</sup>, não é também um jarro de duas asas – ou muitas outras -, que se pode pegar pela direita ou esquerda. Neste sentido, o esforço em buscar no autor uma posição cética consistente dependeria de um processo seletivo, de escolha do que deve ou não ser citado, a fim de demonstrar este ponto de vista. Ou seja, a defesa da observância rigorosa do ceticismo por parte de Montaigne – neste caso devido, sobretudo, ao contato que estabeleceu com as fontes tradicionais do ceticismo - pressupõe que se ignore a variedade de leituras que o autor levou à cabo ao longo de sua vida, ou no mínimo, que se minimize a importância dela na construção de sua identidade filosófica. Finalmente, será que o esforço interpretativo em definir a trajetória de Montaigne como um engajamento cético não poderia também se situar neste eterno desacordo entre as interpretações sobre Montaigne? Afinal, poderia ser apenas mais uma, dentre tantas interpretações possíveis, estimuladas, talvez, pelo próprio pensador francês. Pois, como ele diria, quem quiser, poderá extrair dos *Ensaaios*, infinitos ensaios. (I, 40: 374)

## Referências Bibliográficas

BRAHAMI, F. *Le scepticisme de Montaigne*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

- BRODY, J. “La première reception des *Essais* de Montaigne: fortunes d’une forme.” In: *L’Automne de la Renaissance*. Organizado por Jean Lafond e André Stegmann. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1981.
- CONCHE, M. *Montaigne et la Philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- EVA, L. *A Figura do Filósofo: Ceticismo e Subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- FRAME, D. *Montaigne’s Essays: a Study*. Nova Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1969.
- GRAY, F. *Le Style de Montaigne*. Paris: Librairie Nizet, 1958.
- KRISTELLER, P. O. *Renaissance Thought and its Sources*. New York: Columbia University Press, 1979.
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaaios*. Livros I e II. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ensaaios*. Livro III. São Paulo: Martins: Fontes, 2001.
- STAROBINSKI, J. *Montaigne em Movimento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- VILLEY, P. *Les Sources & L’Évolution des Essais de Montaigne*. Tomos I e II. Paris: Librairie Hachette, 1933.
- VINCENT, H. *Vérité du Scepticisme chez Montaigne*. Paris: L’Harmattan, 1998.

## Notas

- 1 *Minha imaginação contradiz e condena a si mesma tão amiúde que para mim é a mesma coisa se um outro o fizer, principalmente porque só dou a seu reparo a autoridade que eu quiser.* (III, 8: 209)
- 2 [B] Eu aconselhei, na Itália, a alguém que estava com dificuldade de falar o italiano e que não buscava mais do que se fazer entender, sem querer dominar o idioma, que apenas empregasse as primeiras palavras que lhe viessem à boca – latinas, francesas, espanholas ou gascãs – nelas adicionando uma terminação italiana. Desse modo, jamais deixaria de encontrar algum idioma do país, ou toscano, ou romano, ou piemontês, ou napolitano – e de se achar nalguema dentre tantas formas. Digo o mesmo da filosofia: ela tem tantas faces e variedades, e disse tanto, que todos os nossos sonhos e devaneios aí se encontram. A fantasia humana nada pode conceber, de bem ou de mal, que aí não esteja. [C] *‘Nihil tam absurde dici potest quod non dicatur ab aliquo philosophorum’* [‘Nada se pode dizer de tão absurdo que não tenha sido dito por algum filósofo’: Cícero, *De divinatione*, II, lviii]
- [B] Deixo, assim, meus caprichos irem mais livremente a público, posto que, mesmo que tenham nascido em mim, sem patrão [*sans patron*], eu sei que eles encontraram sua relação com algum humor antigo, e não faltará quem diga:  
Eis de onde ele os toma!
- [C] Meus modos [*moeurs*] são naturais, não invoquei para formá-los o socorro de nenhuma disciplina. Mas, por mais irrefletidos que sejam, quando vontade me deu de recitá-los e me vi no dever, para lhes fazer sair em público um pouco mais decentemente, de assisti-los de discursos e de exemplos, maravilhei-me de encontrá-los, de modo casual, conformes a tantos exemplos e discursos filosóficos. De qual regime era minha vida só o aprendi depois de a ter vivido e posto em prática. Nova figura: um filósofo impremeditado e fortuito! Esta citação, que serve de epígrafe à Luiz Eva, foi extraída de seu livro e, portanto, segue a sua tradução. Trata-se de uma passagem da *Apologia de Raymond Sebond*. Na edição brasileira dos *Ensaaios*, traduzida por Rosemary Costhek Abílio, pode ser encontrada em I, 12: 320.
- 3 *Não há argumento que não tenha um contrário, diz o mais sábio partido dos filósofos.* (II, 15: 419)  
Esta sentença também foi por Montaigne inscrita em sua biblioteca.
- 4 *Observo os filósofos pirrônicos, que não podem expressar sua concepção geral em nenhuma forma de falar, pois precisariam de uma nova linguagem. A nossa é toda formada de proposições afirmativas, que lhes são inteiramente hostis; de forma que, quando eles dizem: ‘Eu duvido’, incontinenti são agarrados*

*pelo pescoço para serem obrigados a admitir que pelo menos asseguram e sabem que duvidam.* (II, 12: 291)

*5 Quem procura alguma coisa acaba chegando a este ponto: ou diz que a encontrou, ou que ela não pode ser encontrada, ou que ainda está buscando. Toda filosofia está distribuída por esses três gêneros.* (II, 12: 254) Montaigne retoma aqui a divisão tripartite da filosofia, apresentada por Sexto Empírico nas *Hipotiposes Pirrônicas*.

*6 É apenas a fraqueza pessoal que nos faz contentarmo-nos com o que outros ou nós mesmos houvermos encontrado nessa caça ao conhecimento; alguém mais inteligente não se contentará. Há sempre lugar para um seguinte, certamente até mesmo para nós, e caminhos alhures. Não há fim em nossas investigações; nosso fim está no outro mundo. É sinal de estreiteza de espírito quando ele se contenta, ou de lassidão.* (III, 13: 428)

*7 Pois estabelecer a medida de nossa capacidade de conhecer e julgar a dificuldade das coisas é uma ciência grande e extrema, da qual duvidam que o homem seja capaz.* (II, 12: 254)

*8 Ver, por exemplo: Pois as idéias mais firmes e gerais que tenho são as que, por assim dizer, nasceram comigo. São naturais e totalmente minhas. Produzi-as cruas e simples, numa produção ousada e forte, mas um tanto confusa e imperfeita; em seguida estabeleci-as e fortifiquei-as com a autoridade de outros e com os saudáveis discursos dos antigos, com os quais me vi coincidindo em julgamento: eles me garantiram a consistência delas e deram-me sua posse e gozo mais integral.* (II, 17: 488)

*9 Eis como a razão fornece motivos para ações diversas. É um jarro com duas asas, que se pode segurar pela direita e pela esquerda.* (II, 12: 374).